

CHOMSKY
A Revolução das Ciências Cognitivas

Dr. Jorge Campos PUCRS

1. Marx
2. Lenin
3. Shakespeare
4. Aristóteles
5. A Bíblia
6. Platão
7. Freud
8. Chomsky
9. Hegel
10. Cícero

Esta é a lista dos dez nomes, de toda a história, mais citados em periódicos relevantes, conforme pesquisa realizada pelo Institute for Scientific Information.

Considerações vagas sobre o valor da informação à parte - a lista é reconhecida por Kesterton (1993) **Social Studies**, **The Globe and Mail**, Harris, R. (1993) **The Linguistic Wars**, e Pinker, S. (1994) **The Language Instinct** - chama a atenção, imediatamente, a presença de N. Chomsky, certamente o menos popular e o único ainda vivo, entre os *top 10*.

Qual teria sido a tão impressionante contribuição intelectual de Chomsky a ponto de colocá-lo à frente de deuses filosóficos como Hegel e de gênios como Einstein, que nem sequer aparece na lista, ainda que sob esperadas reservas de inconformados comentaristas alemães e franceses?

Uma das respostas mais imediatas é oferecida, exatamente, por Steve Pinker, professor e diretor do Centro de Neurociência Cognitiva do famoso Instituto Tecnológico de Massachusetts - MIT, numa das obras (já mencionada) mais discutidas nos últimos meses nos EUA. Chomsky representa o ataque mais consistente a um dos fundamentos da vida intelectual no século XX, o "Standard Social Science Model (SSSM)" de acordo com o qual o aspecto mais relevante da mente humana, para a investigação científica, é determinado pelo contexto sócio-político-econômico.

A super-síntese de Pinker, entretanto, só pode ser adequadamente avaliada através de urna rápida fotografia histórica em que o roteiro da teoria da linguagem seja apresentado sobre o pano-de-fundo das ciências cognitivas.

Logo depois do fim da II Guerra, nos EUA, havia um clima de grandes convulsões teóricas e metodológicas, especialmente produzido pelo impacto do desenvolvimento da computação. A expressão desse contexto pode ser registrada, por exemplo, em dois eventos científicos que viriam a assumir especial relevância histórica. No primeiro deles, no Hyxon Symposium de 1948, na Califórnia, o grande paradigma de ciência na área da Psicologia, o Behaviorismo de Pavlov, Watson, e, particularmente Skinner, com suas expectativas de sucesso quantitativo e observacional, começou a ser desafiado por

trabalhos como o de Lashey " O problema da Ordem Serial no Comportamento" que atacava frontalmente a idéia de explicar a riqueza da organização mental interna por modelos grosseiros de estímulo e resposta. A evolução do software, na época, já permitia a compreensão de estados mentais enquanto programas cognitivos, e as relações com o hardware do cérebro eram expectativas promissoras. No segundo, no Simpósio sobre Teoria da Informação, em 1956, exatamente no MIT, psicólogos como G. Miller, pesquisadores na área de Inteligência Artificial como Newell, neurofisiólogos como Ashby e lingüistas como Chomsky, já estavam historicamente preparados para efetuar o movimento revolucionário rumo à emergência das Ciências Cognitivas. De fato, as relações entre mente-cérebro-linguagem-computação, sustentadas pelos avanços da Lógica Matemática do final do século XIX - início do XX e pela fundamentação de Filosofia da Mente e da Linguagem crescentes nos anos 50, tornavam-se cada vez mais claras e inevitáveis. Miller, em palestra num *workshop* sobre o assunto, em 1979, viria a dizer que as Ciências Cognitivas nasceram no simpósio de 1956 no MIT (embora o rótulo só surgisse na década de 70), quando Chomsky demonstrou que a linguagem humana possuía propriedades formais que poderiam ser tomadas como verdadeiros programas cognitivos. No final dos anos 50, Chomsky viria a desfechar o golpe definitivo sobre o Behaviorismo, na sua famosa revisão da obra de Skinner, e abrir um caminho bem estabelecido para o desenvolvimento da concepção cognitivista.

E as investigações evoluíram muito nos últimos trinta anos dentro do programa da Investigação Gerativista delineado por Chomsky e seus associados. A tese forte de que a linguagem humana é uma faculdade com uma base inata, uma espécie de órgão mental, foi encontrando evidências cada vez mais significativas. De fato, especialistas do mundo inteiro, estudando o comportamento da linguagem de crianças até os três anos de idade, em línguas tão diferentes quanto o chinês e o inglês, sob as mais diversas situações de aprendizado, relatam as mesmas regularidades apontadas por Chomsky. Reforçam essas constatações as pesquisas de áreas correlatas sobre lesões na área esquerda do cérebro - a área prioritária da linguagem -, sobre a comunicação de sinais entre os surdos-mudos, sobre crianças excepcionais, sobre animais e até mesmo sobre o Big-Bang da linguagem e a explosão de milhares de línguas e dialetos no mundo. De fato, a diversidade lingüística parece estar completamente sustentada por uma espécie de gramática universal geneticamente determinada, como Chomsky vem propondo desde a década de 50.

Nesse quadro, a revolução das Ciências Cognitivas pode ser entendida exatamente pelo deslocamento da Lingüística para a área das ciências naturais. Para Chomsky, sendo o aspecto relevante da linguagem o procedimento gerativo (ou recursivo), que se sustenta numa gramática universal inata, a Lingüística é uma ciência da mente-cérebro, mais próxima da Neurociência, da Biologia e, finalmente, da Física, do que da gramática estrutural, tradicional ou Sociologia. A isso Pinker chamou de o ataque chomskyano ao Modelo das Ciências Sociais.

Existe, hoje, principalmente nos EUA, um grande número de centros de investigação cognitivista com o programa gerativista de Chomsky em posição especial. Uma rede altamente compartilhada de informações envolve as pesquisas nas áreas de Neurociência, Inteligência Artificial, Psicologia Cognitiva, Antropologia e, inclusive, Filosofia, mais particularmente, Epistemologia. Niels Jerne, vencedor do Prêmio Nobel com trabalho sobre imunologia, deu ao seu discurso o título de "Gramática Gerativa do Sistema Imunológico".

Na Europa, desde 1977, existe o GLOW - Generative Linguistics of Old Worlds - fundado em Amsterdam, que reúne centenas de especialistas com pesquisas empíricas sobre centenas de línguas diferentes. Da mesma forma, ainda que com menos intensidade, na Ásia e na América Latina já se desenvolvem inúmeras investigações dentro

do mesmo paradigma.

E se essa revolução nas Ciências Cognitivas não for suficiente para avaliar-se, enfim, a dimensão teórica de Chomsky, bastaria lembrar-se que o custo de seu programa é, inevitavelmente, alto, e ele deve escrever dezenas de textos para responder a intrincados argumentos de filósofos como Searle, Dummett, Soames, Kripke, Katz, Quine, etc. sobre fundamentos de Lógica da Linguagem e Teoria da Ciência.

Não é fácil de acreditar, mas Chomsky, considerado pelo New York Times o maior intelectual vivo do mundo, ainda é capaz de escrever dezenas de obras como dissidente da política externa americana para os remanescentes do modelo de Ciências Sociais que não confundem, metodologicamente, problemas da natureza com problemas de outra natureza; mas tal obra política, justamente por isso, é assunto para um outro texto.